

RUBEM BRAGA

Não sou eu

4.5.61

“Achei graça na primeira história que me contaram: um bêbado usava o meu nome em um bar, tomando grande uiscada à custa de um meu admirador. Depois passei a achar menos graça: o falso Rubem Braga aparecia chorando no Cais do Pôrto ou fazendo comício na Rua Farani. Agora diariamente ouço uma ou duas proezas dêsse cavalheiro que perambula pela cidade dando vexames em meu nome.”

Isso eu escrevi em fevereiro de 1959, no *Diário de Notícias*, sob o título *Não Sou Eu*. Em abril de 1961 tive de repetir o aviso, em crônica para *O Globo*. Pois sou obrigado a voltar ao assunto, pois o bêbado que tem o mau gosto de usar o meu nome continua por aí. Agora com uma agravante: conta a história de uma filhinha que perdeu. Chora. Cita crônicas minhas, de que sabe trechos de cor. Outro dia estêve em uma casa de discos da Rua Barata Ribeiro. Depois disso estêve em um templo protestante de Laranjeiras, cujo pastor me escreveu. Anda um pouco por toda parte, falando alto, fazendo frases, filando comida e bebida sem, ao que parece, tentar mais do que isso.

Não é violento, mas chato e lamentável; e essa história da filhinha morta (não sei se é verdadeira ou inventada) que êle agora conta a todo mundo, me confrange especialmente — embora eu jamais tenha tido filha alguma...

“Quebre a garrafa!”

Por falar em bêbado, a falsificação de uísque é hoje uma grande indústria. Ao lado do verdadeiro contrabando, o autêntico, o... honesto, existe o falso, cuja mercadoria vem dessas fábricas. Escreve-me um amigo, apreciador do bom uísque, para sugerir a Operação-Quebre a Garrafa. Consiste nisso: cada vez que se esvazia uma garrafa de uísque estrangeiro ela deve ser quebrada, ou ter o gargalo partido — em suma, inutilizada. Ele descobriu que há compradores de garrafas que trabalham para as fábricas clandestinas. Geralmente fazem negócio com as cozinheiras, mas às vezes também com as donas-de-casa.

Meu amigo sugere também que as autoridades interessadas em combater a falsificação devem se interessar pelo destino que os bares dão às garrafas usadas de uísque estrangeiro. Acredita que a Operação-Quebre a Garrafa criaria sérios problemas para os falsificadores. Escreve-me êle:

“Talvez algum nacionalista exaltado ache minha idéia impia: trata-se de criar dificuldades sérias para uma indústria nacional, embora clandestina, em benefício do produto puramente estrangeiro. Quem pensa assim não se lembra que tal uísque arruína os nossos estômagos nacionais e nossas saúdes brasileiríssimas. Quem quiser ser nacionalista beba cachaça ou então um dos muitos uísques feitos ou acabados de fazer e engarrafados aqui — alguns dêles, por sinal, bastante potáveis, como o Drury's, o Lumumba e o Tôrres.

O falso bottled é um veneno; é um crime contra nosso bôlso e nosso organismo. Quebre a garrafa! — e só compre uísque de contrabandista sério, de confiança, legal...”

Aí fica a sugestão.